

# a greve geral de são paulo, 1917<sup>1</sup>

*edson passetti & acácio augusto*

## Prólogo

*Abertura com o segundo movimento da 5ª Sinfonia de Beethoven.*

Vitor:

Boa noite. Hoje, 31 de dezembro de 1917, nosso programa de comemoração de ano novo começará, como sempre, com a conferência de abertura.

Gus:

A atividade de hoje que encerra um ano de lutas e vitórias será realizada em aliança com todas as Ligas Operárias, Centros Libertários de São Paulo, incluindo os do interior, dando continuidade ao trabalho que tornou possível a greve com o Comitê de Defesa Proletária e a Aliança Anarquista. Nós os recebemos, hoje, com a 5ª Sinfonia de Beethoven, a que mudou o mundo da música. Beethoven

*Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol e edita a Revista Ecológica (<https://revistas.pucsp.br/ecopolitica/>). Contato: [passetti@matrix.com.br](mailto:passetti@matrix.com.br). Acácio Augusto é Professor no Departamento de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios – EPPEN da UNIFESP. É colaborador no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES e pesquisador no Nu-Sol. Contato: [acacioaugusto1980@gmail.com](mailto:acacioaugusto1980@gmail.com).*

querido por Bakunin. O autor da música que eles querem ser donos, mas que é de todos.

Como de costume, nosso encontro começa com uma conferência de abertura, seguida de teatro, uma possível apresentação das crianças da Escola Moderna, e depois quermesse e baile para comemorar a chegada do ano de 1918. A greve geral de 1917 foi resultado das lutas históricas contra os patrões com o objetivo de reduzir as jornadas de trabalho, impedir a crueldade praticada nas fábricas e na lavoura contra homens, mulheres, jovens e crianças. E fazer a revolução para dar um fim à guerra social! Mas, principalmente, continuar nossa luta diária pela revolução social. Não nos interessava e nem interessa a legislação trabalhista, as migalhas concedidas pelos patrões e regulamentações de Estado. Não queremos sindicatos que cumpram a função de negociador, nem sindicato que seja o único lugar da luta! Não queremos mais a guerra social! A luta não termina até a consolidação da revolução social.

Acácio:

Eles dizem que somos a planta exótica, imigrantes anarquistas que aqui chegaram para badernar a ordem. Não, nada disso! Somos trabalhadores aqui ou na Europa, na fábrica ou na lavoura, e lutamos contra a exploração e a dominação. Viemos da Itália desde 1870, depois chegaram os espanhóis e agora mais e mais portugueses. E somamos com os demais trabalhadores brasileiros brancos, mulatos e ex-escravos.

Todos sob o chicote da oligarquia paulista que se proclama democrática e moderna, mas que não permite o voto às mulheres, aos analfabetos e aos despossuídos. É a minoria que diz governar pela maioria porque tem representantes nas suas instituições. Servem-se de estratégias para nos dividir recrutando nossos irmãos para a polícia e o exército, para exercerem a coerção sobre nós, para nos enviar para a guerra mundial, para servir a nação (deles). Nos querem obedientes dentro das fábricas, fiéis à nação, entorpecidos de álcool ou entretidos com seus jogos estúpidos, para que

A Greve Geral de São Paulo, 1917

não estejamos juntos, aqui. Mas não nos interessa o voto, a representação, tampouco participar no governo.

Muitos reclamam que falta escola e educação. Errado. Nós criamos as Escolas Modernas, nossa imprensa e realizamos nossa democracia direta, sem representantes e condutores. Mas para eles, a Escola Moderna é antro de subversão e terrorismo. Não é. Nela nós alfabetizamos as crianças, os jovens e os adultos em classes mistas com base na nossa imprensa, como também se ensina idiomas: português, italiano, espanhol e esperanto. Não ensinamos ninguém a obedecer, mas a ser livre. Isso para eles é insuportável. Então, eles mandam fechar nossas escolas. Nos querem ignorantes. Escondem que entre os operários anarquistas o analfabetismo é quase nulo e todos nós conhecemos as normas e leis que combatemos.

Nossa escola, nossa imprensa, nossos centros e ligas compõem a nossa luta social. Funcionam como federação livre e descentralizada. A revolução não virá, ela está acontecendo agora, todo dia, é para dar um fim à guerra social. Um dia, esses traidores que viraram polícia e soldado constatarão que eles são gente fabricada para morrer.

Gus:

Nossos inimigos são os patrões e os governantes, mas entre nós há os timoratos, como na Europa, que se encastelam em sindicatos de classe negociando migalhas com os patrões e partidos políticos, pretendendo aderir à democracia burguesa.

Acácio:

Na Rússia acabou de ocorrer uma revolução de todos os explorados, iniciada em 1905 com a criação dos conselhos que eles chamavam de soviets. Esperamos que ela não se transforme em outra forma de dominação. Esperamos que a revolução dos camponeses na Ucrânia, que a antecedeu, não se subordine e tampouco seja esmagada. Precisamos aprender em aliança anarquista que todas as revoluções sociais são possíveis porque se relacionam de modo federativo.

Todos:

Viva a anarquia! Viva a revolução social!

Gus:

O teatro que apresentaremos hoje não repetirá uma peça conhecida de nosso repertório. É uma surpresa. A partir dos nossos jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe* — que surgiu da greve —, e de muitos depoimentos espontâneos de companheiros, lembraremos a Greve Geral de São Paulo, em julho de 1917. Este acontecimento tão presente entre nós ecoará nossa língua viva! Saudações aos presentes vindos do Brás, da Mooca, Lapa, Belém, Barra Funda, Ipiranga, Cambuci, Bom Retiro, Vila Mariana, Água Branca, São Caetano, Cotia, Ribeirão Pires, São Roque, Sorocaba, Santos, Campinas, Pelotas, Poços de Caldas, Votorantim... Saudações aos companheiros ausentes enviados para o exílio, os que estão presos em navios, colônias penais e prisões, aos que morreram e que serão inesquecíveis. Aqui não tem lugar para lideranças, nós anarquistas somos os anônimos indesejáveis!

Todos:

SAÚDE!

## **Cena 1: duas mulheres**

*Duas mulheres conversando à porta.*

Flávia:

Porque está olhando com essa cara de superior?

Lili:

Meu marido trabalha na indústria de juta do “seu” Jorge Street no Belenzinho, tá subindo, vai para a estamparia, e a gente vai sair do cortiço. Vamos para a vila operária, para a Maria Zélia. Como disse o “seu” Jorge: para as crianças é melhor a oficina do que a rua, que cria delinquentes.

Flávia:

Vendidos! A vila que tem o nome da filha do patrão que morreu de tuberculose com 16 anos... É homenagem.

Lili:

A gente quer viver em paz, dar escola certa para os filhos, sair dessa vida que não tem solução.

Flávia:

Você sempre foi uma esposinha, limpinha, arrumadinha... Pra você a Escola Moderna não serve, né? Nós jamais iríamos para essa prisão de vila operária. Meu avô tinha um amigo que viveu numa dessas prisões no século passado na França e contava um monte de atrocidades... O patrão governa sua vida o dia todo!

Lili:

Fique aí você, nesta imundície, trabalhando como escrava em casa... e brigando como escrava na fábrica.

Flávia:

Escravos eram os negros. E fugiram para criar casas de angus e quilombos. É uma besteira falar que a gente é escravo. Nós somos operários explorados. Vocês são os preferidos dos patrões, traidores e mesquinhos.

Lili:

Vocês que fiquem com essa merda de greve e sonhos impossíveis. Para nós, a legislação é suficiente, o sindicato é suficiente; precisamos de escolas, creches, um pouco de paz, e não de revolução. Precisamos aprender a ser civilizados.

Flávia:

Você é uma prostituta com certidão de casamento.

Lili:

Eu não quero ser vulgar, mas quem bebe, cai de porre é seu marido. E você faz o que ele manda, além de trabalhar feito camela.

Flávia:

Não é isso. Nós temos um ideal. Se ele é um brutamontes é porque a realidade é assim. Mas eu não sou a cadelinha dele, não! E se a gente não se acertar, nos separamos.

Lili:

Logo vi que você era mesmo uma ateia.

Flávia:

Eu tenho um tanque de roupas para lavar, cozinha para arrumar, colocar os meninos na cama...

Lili:

E vai trabalhar, fazer greve, largar a casa e os filhos. Um dia desses, um deles vira delinquente.

Flávia:

Talvez seja preso pelo seu irmão que virou polícia.

Lili:

E ainda será vereador, você verá.

Flávia:

Nada melhor que governar os de baixo com um representante dos de baixo, com a polícia composta de gente como a gente defendendo a propriedade.

Lili:

Errado. Assim é que a gente melhora, cada um e todos trabalhadores; a gente precisa ter consciência que tem que melhorar na vida. A gente nasceu trabalhador e vai morrer trabalhador. É da natureza. Nós precisamos de leis e proteção do Estado. Sem Estado não há uma grande nação e esse país ainda é bastante novo, grande e forte.

Flávia:

Você não é trabalhadora, é empregada. Você é daquelas conformadas que espera um dia a vinda do salvador. Neste mundo de glórias sempre aparece um salvador, o pai de to-

A Greve Geral de São Paulo, 1917

dos que faz de cada um o pau para toda obra; o pai de todos que nos dá castigos e penas, que manda ser obediente.

Lili:

E pensar que a gente já foi melhores amigas.

Flávia:

Quando nossos pais eram operários combativos.

Lili:

E a gente passando fome, dependendo da ajuda dos outros.

Flávia:

Você se esqueceu disso. E hoje só é solidária com você mesma.

Lili:

Mas eu dou minhas roupas velhas para os pobres.

Flávia:

E você é o quê?

Lili:

Eu não sou mais miserável, ressentida e impulsiva. E tenho marido que pode me sustentar.

Flávia:

Nós não somos mais amigas.

Lili:

Você permanece antiga, não quer ser moderna.

Flávia:

Moderna é ser esposa do lar? É dar as costas para tudo que acreditávamos?

Lili:

Um dia vá nos visitar na Maria Zélia, lá teremos casa com banheiro próprio, escola, espaço de lazer, salário e comida. Graças a Deus!

Flávia:

Até o dia em que mandarem seu marido embora. Aí vocês voltarão para cá, desmoralizados, como indesejáveis discípulos de Satã.

Lili:

Deus me livre!

Flávia:

Talvez nós nunca tenhamos sido amigas, apenas duas jovens no calor das existências. Amizade é outra coisa. Dizerem que na velhice não esquecemos as lembranças da juventude; que elas sejam capazes, no futuro, de te fazer rever a besteira que você está fazendo.

Lili:

Só existe o momento e o nosso acabou aqui. Estou cheia dessas baboseiras.

Flávia:

Adeus, prostituta uniformizada.

Lili:

Eu sou uma mulher de bem. Você não tem moral para falar isso para mim.

Flávia:

Com licença que tenho tanque, louça e crianças para cuidar.

Lili:

Que te reste ao menos um pouco de energia para fazer amor!

Flávia:

Não será como pagamento de nada. Quer saber? Ainda serei professora na Escola Moderna. Você verá.

*Entra e bate a porta.*



Mayara:

Em 1906, a União das Costureiras de Sacos de São Paulo publicou um longo manifesto assinado por Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes, convocando a mulher operária para lutar contra a jornada de 16 horas e o trabalho noturno.

Bia:

“Como se pode estudar ou ler um livro iniciando o trabalho às 7 horas e retornando às 11 da noite? Das 24 horas só nos ficam oito para repousar, que nem bastam para recuperar no sono as forças exaustas! Nós não temos horizontes, ou antes, temos um horizonte sem luz: nascemos para que nos explorem e para morrer nas trevas como brutos”<sup>2</sup>.

Mayara:

O jornal *Guerra Sociale*, de 31 de março de 1917, noticia: “Na Cristaleria Colombo, instalada num barracão de zinco, e de propriedade de Pietro Scarrone, situada à Av. Celso Garcia, 387, trabalham numerosas crianças [entre 7 e 12 anos]... As crianças são empregadas num trabalho mortífero, qual é, o de carregar e assoprar vidros ainda quentes ao ponto de queimarem. (...) [Elas] estão [em] contato com um calor horrível, queimando-se e ferindo-se constantemente. Estas crianças trabalham nesse inferno de suplícios durante 10 horas diárias. E... perdem a saúde em poucos dias. E morrem assassinadas pela ganância criminosa dos patrões”<sup>3</sup>.

Flávia:

Agora, uma informação que não é da imprensa anarquista: “Numa indústria de tecidos, um operário que passando com um saco às costas ao pé de certa máquina, foi apanhado por uma peça da mesma que lhe fraturou o crânio, determinando-lhe a morte. Esse operário tinha 13 anos. Executava um serviço que talvez pudesse parecer leve: conduzia um saco cheio de carretéis”<sup>4</sup>.

Bia:

No trabalho noturno de menores na Fábrica Mariângela, havia máquinas de tamanho reduzido próprias para serem manuseadas por crianças. O jornal *A Terra Livre* relatou: “As crianças trabalham das 5 horas da tarde às 6 horas da manhã com uma hora de intervalo (...). A certa altura da noite quase todas as crianças de 8 a 12 anos, meio mortas de fadiga e de fome, caem a dormir (...) e então o contramestre desperta-as a bofetadas, e soluçando retomam o trabalho”<sup>5</sup>.

Flávia:

Quer saber? Um menino de 12 anos na Fábrica de Aninhagem Paulista, na Rua da Mooca, após 10hs de trabalho adormeceu entre os fardos. E o esqueceram ali. Às 10 da noite, como de costume, soltaram a matilha de cães policiais, que estraçalharam o menino. Quando o guarda noturno chegou, constatou que o menino era um horrível amontoado de retalhos de tenra carne humana<sup>6</sup>.

## **Cena 2: dois homens**

Dois homens conversando à porta.

Vitor:

Vamos mesmo para a Maria Zélia, eu já me cansei dessa vida no cortiço, meus filhos pelas ruas, emprego que só se perde, greve que faz a gente ficar empolgado e que quando termina é só tristeza depois da euforia...

Gus:

Você não pode se deixar levar. Não podemos nos cansar. Não devemos. Vida boa para nós e nossos filhos é com revolução, com a nossa escola. Nós fazemos revolução social.

Vitor:

Mas não serve para nada. Só alfabetiza e agita para a revolução.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Gus:

Mas é para isso que nós existimos. Eu vim da Europa, você do interior de São Paulo, da lavoura; nós dois sabemos que patrão não dá sossego. Nós trabalhamos para eles para comer o pão que o diabo amassou.

Vitor:

Estou de saco cheio disso. Arrumei emprego no Street e vou para a Maria Zélia.

Gus:

Você acredita na cooperação do trabalhador com o capitalista, que suga nosso sangue e está cheio de saúde. Se ele, gordo feito porco, for ao posto de saúde e o médico fizer o exame do olho para ver se tem anemia, o médico pode se afogar numa hemorragia, de tanto sangue que o patrão tem armazenado. Nosso sangue.

Lili:

“E não há cousa melhor do que ser brasileiro! Estás doente? Aqui tens a Santa Casa. És mendigo? Ali tens o asilo. Dormes na rua? Tens, além, aquela outra infâmia que é o Albergue Noturno. És ladrão? Assassino? Vadio? (...) Lá está a cadeia, onde vão perverter-te ainda mais. E não há cousa melhor do que ser brasileiro! Conclui-se, então, que não há cousa pior do que ser burro”<sup>7</sup>.

### **Cena 3: final de semana....**

Mayara:

Sábado tem baile com quermesse, com conferência e teatro.

Lili:

É muito bom ter o sábado assim.

Bia:

Poderiam ser todos os sábados, mas é uma trabalhadeira... das boas, né?

Flávia:

E como se não bastasse os infiltrados na fábrica nos centros de cultura e nas ligas, no sábado também tem sempre o zoiudo, o apalpar...

Mayara:

Vai lá para apalpar a gente.

Flávia:

Não deixe!

Mayara:

Mas a gente nunca sabe se o sujeito não é um dos nossos recém-chegados!

Bia:

Por isso que eu gostei dessa decisão de não vender bilhete a qualquer um. Nos festejos deles só vão eles. E quando fazem comemoração para operários e lavradores é para agradecer o patrão. Na fazenda e na fábrica. Os patrões até doam comidas e a maldita cachaça...

Mayara:

Dançar é isso mesmo. Se esfregar um pouco...

Bia:

É preciso também ter um pouco de moral, não?

Lili:

Sim. Eu sou casada é só danço com amigos.

Mayara:

Mas quando você era mais jovem...

Lili:

Eu sabia me comportar...

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Mayara:

Mas não somos todas iguais. E tem companheiros que também são bem saidinhos!!!!

Flávia:

Tem muitas de nós que acabam grávidas.

Mayara:

Burras!

Lili:

Não custa nada dar um pouco de orientação... Basta usar Phylagina, único preparado que evita gravidez sem causar estragos à saúde. Tem nas drogarias. Cada caixa dá para 15 dias! Usa boba! Isso não é um reclame, é uma constatação. A mulher anarquista pode ter filho quando quiser e porque quer!

Flávia:

Eles nos querem como mães da pátria, parindo filhos para a fábrica e a nação. Para o lucro e para a guerra.

Bia:

Criaram até esse negócio de amor materno, como se a gente fosse naturalmente assim.

Lili:

Para eles a gente é naturalmente mães do amor à pátria que pari filhos para morrer por eles.

Bia:

Eu gosto do sábado. Eu fico muito concentrada na conferência, às vezes até esqueço que devo ajudar na quermesse.

Mayara:

Gosto de tudo. Acho lindo quando as crianças fazem a apresentação de canto ou poesia entre os atos da peça. Isso é a nossa Escola Moderna. Isso que é escola! Não vejo a hora de poder fazer teatro. Queria ser todas aquelas mulheres... sei como elas são.

Flávia:

Eu queria ser um homem. Os melhores papéis são sempre dos homens. Até parece que eles sabem mais que nós.

Lili:

Mas seria esquisito, né?

Bia:

Acho melhor que alguma de nós escreva peças também, para mostrar que a gente é mais que mocinha burra latifundiária, velha matrona, inocente operária ou mãe corajosa. Vocês não acham que a gente é conduzida pelos homens?

Flávia:

Só na greve é que tudo isso desaparece.

Bia:

Não só, nas conversas, nas conferências, na escola, entre nós e nossos companheiros...

Flávia:

Mas é estranho que no teatro e nos livros a gente é ainda como os homens nos veem.

Lili:

Esses escritores precisavam usar óculos.

Bia:

Ou então serem mais verdadeiros com a vida que levam.

Mayara:

Mas eu gosto quando nos sábados voltam a falar contra a bebida.

Bia:

Eu também. Mas é difícil para muitos homens, e para algumas de nós, escapar da bebida ou beber só por divertimento.

Lili:

Meu companheiro está muito bravo porque, lá na fábrica, querem formar um time de futebol. Começa assim, até terminar como time de futebol como aquele Bangu do Rio de Janeiro, fundado por um escocês, que eu nem sei como fala o nome dele, mas pouco importa, é o dono fábrica de tecidos. Aí eles dizem que é um clube de proletários, desde 1904!!!

Bia:

Mas eles gostam de futebol. Eu acho muito besta aquele monte de marmanhões correndo atrás de uma pelota.

Flávia:

É que na fábrica eles querem fazer um time de futebol para jogar contra outras fábricas. Fazer o operário vestir a camiseta do patrão. Virar jogador do time, ganhar um extra, sugar o talento do coitado e calar a boca dele com uns trocados... Rimou!

Mayara:

Meu marido disse que nem por diversão... E ele é louco por futebol.

Flávia:

Não só ele. Aqueles jogos que tem na rua são muito divertidos.

Bia:

E quantos sapatos já não foram perdidos...

Lili:

E os machucados. Porque jogar descalço deve ser terrível...

Flávia:

Mas eles se divertem.

Mayara:

Eu não gosto. Porque depois fica fedido e cansado...

Bia:

Eu gosto do sábado, de festas, de bailes, e de quase — quase, né — todo mundo cheiroso e de banho tomado.

Lili:

Mas quando não tem baile, palestra, cantos e comidas juntos, tudo fica mais triste!

Flávia:

“Invoca-se também a defesa da pátria. Bravo! Que a defendam os proprietários, os que gozam da riqueza do país. Nós, os assalariados e proletários, nada podemos defender porque não gozamos de patrimônio algum, não possuímos casa, não temos eira nem beira.

Mayara:

O Brasil não pertence aos brasileiros, pertence por uma lei injusta, aos capitalistas, muitos deles nascidos fora do país. Eles que o defendam. Nós, pelo fato de nascermos acidentalmente nesta terra, não temos dever algum de arriscar a pele em defesa da propriedade que os burgueses detenham.

Lili:

Não somos cães de guarda (...). Em nome de quem, pois, se justifica a intervenção do Brasil e de outros países na grande chacina [da Guerra Mundial]: em nome da democracia liberal e da humanidade civilizada?”<sup>8</sup>.

Bia:

“Revoltando-se, a mulher enquanto mãe e educadora servirá de exemplo aos filhos que, por sua vez, também se rebelarão.

Lili:

E poderá compreender ainda que a noção de pátria é uma ilusão, ‘que os vossos filhos nenhum dever têm a cumprir para com ela e que quando, em nome dessa pátria, os vieram arrancar aos vossos braços, deveis revoltar-vos contra semelhante lei’.



Flávia:

(...) para [a mulher] a educação é uma arma importante de luta, revela a recusa do modelo de feminilidade instituído pelo imaginário social”<sup>9</sup>.

Bia:

“Angelina Soares conheceu o anarquismo em Santos. Em 1914, transferindo-se para São Paulo, começou a ajudar seu irmão — Florentino de Carvalho — a fazer o jornal *La Barricata*, em italiano, que virou *Germinal*, em português.

Flávia:

Escreveu artigos, fez palestras, trabalhou no teatro anarquista (São Paulo e Rio de Janeiro) com suas irmãs, fundou e dirigiu grupos de cultura social; enquanto exercia o magistério particular em escolas anarquistas, discursou e foi presa por suas ideias ácratas”<sup>10</sup>.

Mayara:

“A partir de 1909, no momento em que se inicia a campanha para a fundação da primeira Escola Moderna (segundo os moldes do ensino racionalista de Francisco Ferrer, em Barcelona), o número infantil torna-se uma constante do espetáculo.

Bia:

Não envolve necessariamente a participação na peça encenada, mas constitui os entreatos líricos ou musicais. As crianças declamando lembram ao público que o benefício do espetáculo reverterá primeiramente para a educação infantil”<sup>11</sup>.

Gus:

As crianças comunicam que hoje, último dia do ano, não apresentarão nenhum número. Querem somente brincar! Dando prosseguimento ao espetáculo...

Mayara:

“Combatendo vigorosamente a colaboração de anarquistas,

como Kropotkin, na Primeira Guerra Mundial, Florentino de Carvalho propõe a insubordinação em vez da adesão à guerra. A insubmissão contra os governos deveria orientar as atitudes dos revolucionários, partindo para uma ação direta junto à população no sentido de sua libertação econômica e social através da formação de grupos revolucionários”<sup>12</sup>.

Lili:

Mas só existe esse Florentino de Carvalho para falar?

Gus:

Só coincidência. Muito se louva os ensaístas e intérpretes do Brasil. Mas eles estão do outro lado. Entre os anarquistas há grandes nomes, como o Florentino, o Edgard Leuenroth, o Lima Barreto, o Fábio Luz, o José Oiticica... Mas poucos sabem disso, nas escolas não se ensina o Brasil visto pelos anarquistas e não se ensinará.

#### **Cena 4: de conversa em conversa**

Vitor:

Não dá mesmo para conversar. Há uma questão prévia: devemos entender que a fábrica é o melhor para nós, porque nos dá empregos; que o patrão nos paga; que temos contrato a cumprir... É aí que a porca torce o rabo. Porque tudo tem que estar no contrato. E o contrato é nossa adesão ao patrão.

Flávia:

Se a nossa vida fosse só na fábrica, reduzida a essa merda de migalhas de salário e cansaço... Mas a nossa vida não tem valor algum. Dizem que a riqueza da nação é seu povo. Para eles, o povo reproduz como rato, vive como baratas e percevejos, é sujo e empestado, mas deve ser devoto e cumprir o contrato.

Bia:

Na Europa, eles ainda fazem algumas políticas de saneamento básico. Nesse Brasil, quando tem é para nos atirar

A Greve Geral de São Paulo, 1917

para fora da cidade. Eles não querem nossas casas limpas, nossos filhos com saúde; eles querem nosso espaço, nossos corpos e nossas cabeças de gado. E nos atiram fácil, fácil, para as marginais da cidade.

Acácio:

Não temos escolas de padres, nem do Estado. E as nossas, que inventamos, eles chamam de lugares de subversão. Nada de ser alfabetizado, saber de leis, basta crer na palavra do patrão. Nossas Escolas Modernas são lugares perigosos, de terroristas. Porque mostramos que sabemos nos governar, sabemos educar e ensinar; nós, os sujos e sem cultura, somos inteligentes e guerreiros. Sabemos fazer por nós mesmos.

Gus:

“Podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio às injunções do clero mentiroso, vai ser um fato podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em São Paulo. (...) A Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que *sabe* porque estudou, porque refletiu, porque analisou, porque fez a si mesmo uma consciência própria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como fonógrafos as virtudes de Moisés e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano, pequenos nos ódios e nos entusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Vitor:

Estas são as normas fundamentais que servirão de base à Escola Moderna e que por meio de conferências e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos compreendam o que queremos”<sup>13</sup>.

Mayara:

Agora, ouçam só o libelo publicado no jornal *A Gazeta do Povo*, em 19/02/1910:

Lili:

“Todo mundo já sabe que em São Paulo trata-se de fundar uns institutos para a corrupção do operário, nos moldes da Escola Moderna de Barcelona, o ninho do anarquismo de onde saíram os piores bandidos prontos a impor suas ideias, custasse embora o que custou. Ora, uma tal casa de perversão do povo vai constituir um perigo máximo para São Paulo. E é preciso acrescentar que não somos só nós os católicos que ficaremos expostos à sanha dos irresponsáveis que saíssem da Escola Moderna. Brasileiros e patriotas, havemos todos de sentir o desgosto, uma vez realizados os intuitos da impiedade avançada, de se ver insultada a pátria, achincalhadas as nossas autoridades, menosprezadas as nossas tradições do povo livre, por estrangeiros ingratos que abusam do nosso excesso de hospitalidade e tolerância. (...) A Escola Moderna vai pregar a anarquia, estabelecer cursos de filosofia transcendental, discutir a existência de Deus e semear a discórdia... Depois, será a dinamite em ação”<sup>14</sup>.

Vitor:

“Foram criadas no período de 1895 a 1920 mais de 40 escolas e centros de estudos [libertários], inclusive a Universidade Popular”<sup>15</sup>.

Gus:

“Considerando que [o] ensino [oficial] baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação; [o II Congresso Operário, de 1913,] aconselha aos sindicatos e às classes trabalhadoras em geral, tomando como princípio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização de escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc.”<sup>16</sup>.

Mayara:

“A dependência dos cofres públicos era considerada uma heresia. Por outro lado, as mensalidades cobradas não eram

A Greve Geral de São Paulo, 1917

suficientes para cobrir as despesas. As taxas não podiam ser muito altas, já que isso dificultaria o acesso dos filhos do trabalhador.

Bia:

A necessidade de envolver os alunos, os pais e a comunidade em geral na manutenção financeira das instituições escolares era a única maneira de garantir a autonomia do projeto pedagógico libertário.

Flávia:

Os meios para angariar fundos eram aqueles tradicionalmente usados pelo movimento para manter as suas associações: festas, quermesses, conferências, listas de subscrição, venda de livros, etc. (...)

Mayara:

Os preços das aulas noturnas eram estipulados em comum acordo entre o professor e os alunos<sup>17</sup>.

Lili:

“Realizou-se ontem às 19hs, na Escola Moderna, à avenida Celso Garcia n. 261, uma sessão comemorativa do aniversário da [execução] de Ferrer, tendo o seu diretor, João Penteado, feito uma conferência sobre a vida e obra do inolvidável precursor do ensino racionalista<sup>18</sup>.”

Bia:

“A imprensa era a divulgadora da escola libertária e ao mesmo tempo o seu *material escolar*, pois trazia, além de informações de ciência e arte, notícias atuais sobre a situação dos trabalhadores, seus filhos, habitações, saúde e informava sobre as variadas sociabilidades anarquistas.

Flávia:

A escola não era um prédio ou uma instituição, mas um espaço, um meio, um método, muitas vezes somente uma ideia, utilizada por sindicalistas, ligas anticlericais, grupos de estudos pró-escola moderna, maneiras de levar a cada traba-

lhador envolvido em uma luta específica subsídios intelectuais que mantivessem e ampliassem a gana em contestar a ordem, resistir ao poder e inventar uma existência”<sup>19</sup>.

Lili:

“A escola afirmava um espaço físico de formação e informação e, também, de aglutinação de diversas ideias-força libertárias.

Mayara:

Educação, escola e revolução eram indissociáveis e simultâneos; aconteciam no momento em que o jornal era escrito, quando era distribuído, ao inflamar os leitores para luta imediata, e ao sinalizar para a utopia igualitária”<sup>20</sup>.

Lili:

Tem jornal para tudo; é muito interessante que a escola Moderna use os jornais para alfabetizar nossos meninos e meninas, nossos companheiros e companheiras. Tudo em classe mista, como é na casa, sem a professorinha que se faz de mãezinha ou mãezona, sem padrecos e cantilenas.

Flávia:

A classe mista foi invenção dos anarquistas. O Paul Robin, no século passado, fez isso no Orfanato de Cempuis, que serviu de referência para a escola racionalista de Ferrer.

Acácio:

Dizem que não sabemos nada de engenharia, de medicina, de contabilidade... Dizem isso para que fiquemos de joelhos. Que somos ignorantes, que somos mulas de carga.

Gus:

Aqui na cidade e na lavoura. Lá, então, a gente nem pode se mostrar. Somos os imigrantes que vieram para substituir os negros que nos ensinaram a capoeira. Dizem que José Oiticica tornou-se um hábil capoeirista. Mas nós não fomos criados como escravos. Eles nos querem como escravos. Não somos. Lima Barreto não foi escravo. É negro

A Greve Geral de São Paulo, 1917

anarquista. Incrível como são poucos... Ficaram perdidos pelas ruas, foram apanhados pela burocracia do Estado como servidor — note o nome da profissão, servidor público. Tem, entre eles, seu Olavo Bilac, o “seu” Ruy Barbosa, o Machado de Assis, o mulato literato.

Mayara:

Poxa, mas ele escreve bem.

Vitor:

Como branco que é. Diferente do negro anarquista suburbano do Rio de Janeiro, o Lima Barreto. Ou não? Esse, os brancos não consideram escritor.

Flávia:

Para eles, nossos livros são uma merda. Chamam de literatura social. Mas o Fábio Luz, que também é mulato e médico, baiano e um dos fundadores da Universidade Livre no Rio de Janeiro em 1904, é escritor de peças de teatro e livros, até um publicado com pseudônimo de mulher, e inventou o açucareiro com tampa para evitar a disseminação de doenças pelas moscas. Sabia?

Bia:

A terra não é de ninguém, nem de brancos, nem de negros, nem de índios, de raça nenhuma.

Gus:

o caso do ‘Satélite’, a cujo bordo foram, por ordem do governo, passados pelas armas, sem culpa mais de cinquenta cidadãos brasileiros;

Acácio:

o massacre dos marinheiros nacionais, na Ilha das Cobras;

Bia:

as deportações, para os inhóspitos sertões, de pessoas pacíficas, entre as quais se contam mulheres e velhos sexagenários;

Lili:

Aquele filho da puta do Lombroso colocava negros e anarquistas como delinquentes.

Bia:

Não existem fronteiras na terra. Na terra há frutos, animais, alimentos e gente; nosso trabalho é dar mais e melhor sem destruir a formosura da natureza.

Lili:

Nada disso de separar brancos, negros e índios. Isso é conversa de eugenista! Conversa de médicos brancos e intelectuais brancos. No máximo esses brancos que nada têm em comum conosco quererão dar direitos a esses ex-escravos, aos índios que matam e evangelizam. Direito de serem governados!

Acácio:

Para eles, a natureza é deles. Nós somos a parte que trabalha pra eles. Nossos filhos são comidas para eles. Eles dizem que há canibais e selvagens, mas são eles os canibais. Aproveitam de nossas meninas, sugam o sangue e o suor de nossos filhos no trabalho, querem todos como novilhos de corte, mãozinhas calejadas de colher café, corpinhos deformados pelo trabalho na fábrica...

Flávia:

Foi assim, é assim. Só tem sentido a greve se dela seguir nossa luta pela revolução. E quem disse que todos precisamos de todas as descobertas lucrativas da ciência burguesa? Não precisamos dos sacerdotes da ciência. Não precisamos de sacerdotes! Não somos os filhos da puta!

Vitor:

Para nós, saúde não é só com vacinas obrigatórias ou posto médico. Nossa saúde é maior que a da medicina.



Lili:

Isso mesmo, quem diz que é assim como está que deve continuar? Essa história de administrar o que existe é uma besteira. Nós os operários não podemos querer saber administrar o que tem. Não queremos esses meios de produção. Queremos outros. E a dívida não é nossa, nem a da fábrica, nem a da fazenda, nem a do comércio, nem a do Estado.

Bia:

Eu não quero que porco algum meta a mão na minha filha.

Mayara:

Lembra do caso Idalina?

Lili:

A imprensa anticlerical iniciada pelo jornal *La Battaglia*, noticiou, entre 1907 e 1912, o desaparecimento da menina órfã Idalina Stamato, do Orfanato Cristovam Colombo, fundado, em 1895, nas colinas do Ipiranga.

Vitor:

Ela desapareceu! Os missionários justificaram de várias formas: que ela estaria em Monte Alto na casa de um padre (constatou-se que era mentira); que ela foi levada para a Itália por três freiras (constatou-se que era mentira); que estava viva, mas curiosamente passou a ser uma garota mutilada (não precisa nem constatar a mentira); que ela teria sido retirada do orfanato por uma mulher que disse ser sua mãe (as freiras desmentiram); que ninguém da direção do orfanato a tinha molestado e enterrado.

Mayara:

Essa foi a lebre levantada pela imprensa anarquista.

Flávia:

“Os corvos que dirigem o orfanato devem prestar contas dessa criança que lhes foi confiada; devem ser obrigados a esclarecer esse mistério que evidentemente envolve um crime monstruoso”<sup>21</sup>.

Bia:

A nossa convicção é: “abre-se aqui um campo imenso a suposições, todas as hipóteses são admissíveis e, portanto, conhecidos como são os instintos dos tonsurados, existindo uma extensa lista de crimes praticados em estabelecimentos religiosos, é claro que a suposição única é essa: Idalina fora vítima de um crime nefando, violaram-na e receosos que o delito descoberto, os pusesse a mercê de uma vindicta tremenda apressam-se em fazer desaparecer a prova evidente de sua torpeza”<sup>22</sup>.

Flávia:

Depois de Idalina, outra órfã foi estuprada e assassinada: Josefina, órfã de pai e internada pela mãe. Nesse momento, a sessão feminina do orfanato já havia sido transportada para Vila Prudente.

Mayara:

“Josefina foi tomar um banho. O quarto de banho, muito afastado, é um lugar propício. O padre Faustino que há muito a cobiçava, entrou logo atrás dela, fechou a porta à chave e antes de ter a menina tempo de gritar tapou-lhe a boca com a mão submeteu-a violentamente a sua luxúria bestial. Em seguida estrangulou-a. (...) Muitas meninas a viram, ficaram de tal modo aterradas que muitas saíram e não quiseram voltar. Como e onde foi enterrado o cadáver dessa estrangulada ninguém mais soube (...). Há motivos para crer que o número de delitos seja muito maior”<sup>23</sup>.

Lili:

As freiras do orfanato, solidárias ao padre Faustino, publicam no Diário Popular carta se comprometendo a depor em favor do padre. A polícia e a justiça permanecem omisssas. Uma garota chamada América declara livremente ao anarquista Oreste Ristori que viu a morte de Josefina. A declaração da garota América foi descartada pelas autoridades sob a alegação de que ela era histórica.<sup>24</sup>

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Bia:

Notícias como estas não cessam! Nada foi esclarecido. Foi assim; é assim. Onde está Idalina?

Todos:

Onde está Idalina?

Flávia:

Onde está?! O coronel José Piedade, que foi o advogado de defesa do Orfanato, agora vereador, pretende propor, com apoio dos socialistas legalistas, uma lei de proteção ao menor trabalhador. Como destacou o companheiro Florentino de Carvalho, nos comícios do Largo da Concórdia e em outros, esse politiqueiro está armando uma lei para ser mexida pelos interesses dos industriais. Até *A Gazeta* tá metendo a pua! Essa lei Piedade vem para tentar por um fim no nosso Comitê Popular de Agitação. Idalina permanece desaparecida e os milhares de menores trabalhadores estão raquíticos, doentes e exauridos.

## Cena 5: a greve

Acácio:

Depois que termina cada um conta a história a seu modo.

Bia:

É difícil para muita gente compreender que num acontecimento muitas forças se aglutinam; que há um monte de coisas a todo o momento, e que não é nada fácil levar adiante.

Gus:

Mesmo porque, o que se conta depois é o resultado favorável aos patrões e sempre nossos defeitos e intransigências.

Lili:

É que na greve geral são poucos os que compreendem a preparação da revolução social; muitos se contentam com as reformas e acreditam que a greve geral é para reformas imediatas (e às vezes contra as reformas de governo).

Acácio:

Na greve geral de 1917, em São Paulo, os jornalistas diziam “governar é prevenir”. Naquela ocasião, eles compuseram o grupo de mediadores entre patrões e grevistas.

Vitor:

A greve de 1917 ficou na história, mas não se esqueçam das greves de 1907 e 1912 que a anunciaram.

Acácio:

Os anarco-comunistas e anarcossindicalistas concordavam com a greve geral, apesar dos anarco-comunistas desconfiarem sempre dos anarcossindicalistas considerando-os reformistas. A aproximação definitiva dos dois grupos foi expressa nos jornais *La Bataglia* (dos anarco-comunistas) e dos continuadores d’*O amigo do povo* (dos anarcossindicalistas), e foi pelos companheiros do *Guerra Sociale*, em outubro de 1916, que se formou a Aliança Anarquista.

Bia:

E trouxeram muitos socialistas.

Flávia:

As relações de trabalho eram de exploração intensa, baixos salários, desemprego, ocupação das crianças e mulheres no trabalho noturno, uma carestia interminável e a gente sendo preso pela polícia.

Bia:

Os anarquistas sempre foram o alvo. Quando a American Federation of Labour, em seu congresso de 1884 decidiu pela greve geral e a levou adiante em 1º maio de 1886, pela jornada de oito horas, o resultado, para nós, foi a execução de quatro anarquistas em 1887, no episódio que ficou conhecido como Haymarket em Chicago.

Lili:

Aqui não foi diferente. Quando, no dia 10 de julho de 1917, ocorreu o confronto na porta da fábrica Mariângela, o sapateiro espanhol José Iñiguez Martinez de 21 anos foi

A Greve Geral de São Paulo, 1917

morto. Ele pertencia ao grupo teatral *Os Jovens Incansáveis*, que publicava em nossos jornais... Não deu mais pra aguentar.

Mayara:

E logo em seguida mataram o pedreiro Nicola Salermo!

Flávia:

O Comitê de Defesa Proletária (CDP), formado no dia anterior, decidiu iniciar a greve durante o cortejo do funeral que foi da Rua Caetano Pinto, no Brás, até o Cemitério do Araçá, e agrupou mais de 10 mil.

Bia:

Um comitê de mulheres parou diante da Repartição Central da Polícia exigindo a libertação de Antônio Nalepinski preso na véspera e que teve, em seguida, a sua casa invadida, metralhada e saqueada pelos cães de guarda da burguesia, que aterrorizaram a sua mulher e seus cinco filhos, inventando que já haviam liquidado o marido. A polícia teve de prometer que depois do enterro libertaria Nalepinski. E cumpriu.

Gus:

Era um tanto de oradores se pronunciando a cada momento parando o funeral.

Mayara:

Lembrava-se da condição de exploração, das paralisações dos têxteis em maio, da quebra da carroça de bebidas da Antártica, da presença da polícia defendendo os patrões e o governo, que polícia e soldado é filho de proletário, da presença ativa de mulheres e crianças, da solidariedade necessária, de que fechar acordos com patrões era necessário, mas não solução, e que a greve não pode parar. Mesmo porque, os patrões dispostos a negociar não eram mais do que 5%.

Gus:

Em 11 de julho, já eram 20 mil grevistas e 54 fábricas paralisadas.

Flávia:

Balas perdidas durante os dias de greve atingiram operários, crianças

Todos:

— não há bala perdida! —

Flávia:

e a polícia teve a cara de pau de publicar o laudo de autópsia de Martinez, declarando que a bala que o matou era de um companheiro seu. Todos canalhas!

Acácio:

Os confrontos de rua aumentaram. Os grevistas usaram cortiças e roletes para derrubar a cavalaria. Adesões vieram de todos os lugares. O Congresso Nacional, sempre adormecido, despertou assustado.

Vitor:

Os jornalistas se apresentaram como mediadores, a partir iniciativa de Nereu Rangel Pestana, diretor de *O Combate*, para se reunirem na redação do jornal O Estado de S. Paulo. O CDP sentou para conversar. Levaram as propostas para o comício, que ocorreu no Prado da Mooca, em 13 de julho, com 3 mil pessoas; e as conversas duraram até 15 de julho, com decisões para libertarem presos grevistas, acordo com representantes do governo para controle de preços e fiscalização dos produtos, regulamento do trabalho e fim do trabalho noturno para mulheres e crianças.

Gus:

“Em 16 de julho a greve geral chegou ao fim”<sup>25</sup>.

Acácio:

Viriam outras. Viria a perseguição ainda mais violenta contra anarquistas, viria até a Revolução Russa, em outubro!

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Lili:

E nela também havia muitos anarquistas que foram esquecidos daquela história oficial.

Flávia:

É sempre a história do Estado! É a história das reformas, às vezes com título de revolução.

Gus:

Se a greve geral é acontecimento da revolução social, só a continuidade de práticas radicais a consolida.

Acácio:

É preciso estar atento, porque somos sempre os criminosos.

Gus:

“Há um único direito inviolável e sagrado no esplendido código da natureza: é o direito à vida! É antes de morrer de fome é preferível morrer combatendo”<sup>26</sup>.

## **Cena 6: imprensa e Aliança Anarquista**

Vitor:

Eu não fico surpreso de ver como é grande a imprensa anarquista.

Lili:

E é a gente que sustenta.

Flávia:

Nossa greve foi impressionante! *A Lanterna* deixou de ser um jornal anticlerical para ser declaradamente anarquista como *A Plebe*, com Edgard Leuenroth e seus camaradas. O nosso grande jornal foi o *Guerra Sociale*, com Ângelo Bandoni, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Carlo Molaschi, Francesco Cianci.

Mayara:

E tem as irmãs do Florentino de Carvalho e muitas mulheres...

Vitor:

Italianos, brasileiros... e espanhóis.

Gus:

*A Plebe* é anarcossindicalista declaradamente; o *Guerra Sociale*, anarco-comunista.

Acácio:

*A Plebe* crê no sindicato como modo de fazer deslanchar a revolução; o *Guerra Sociale* defende a tática sindical no momento, mas quer a anarquia imediatamente.

Flávia:

*A Plebe* também.

Acácio:

*A Plebe* quer revolução. Acredita numa virada. O *Guerra*

*Sociale* quer revolução todo dia, mudar o mundo conosco a cada dia.

Lili:

*A Plebe* será mais lida. É toda em português. Quase todo mundo já fala português. A língua será um empecilho para o *Guerra Sociale*?

Vitor:

Só o tempo dirá.

Gus:

Não dá para responder, apesar de, ultimamente, no *Guerra Sociale* ter cada vez mais a predominância da língua portuguesa. Sabemos que a imigração italiana vem sendo reduzida e a imigração de espanhóis e portugueses tem aumentado.



Bia:

Nesses três países o anarquismo é muito forte, vindo do campo e se fortalecendo na cidade. Também na Rússia e na Ucrânia a revolução social começa no campo. Mas aqui no Brasil começa na cidade industrial.

Lili:

Mas a questão sindical é urgente. E teremos de tomar cuidado com o sindicato dos patrões, o sindicato dos patrões com o Estado.

Acácio:

Para os anarquistas europeus a questão sempre foi o trabalho onde quer que se realizasse. Foi assim que do campo chegou à CNT na Espanha e da Ucrânia para a Rússia e seus conselhos. Aqui não, a lavoura é submissa à oligarquia. É com a indústria que tudo se anarquiza.

Gus:

Na Argentina também começou no campo e rapidamente se juntou com o movimento na cidade.

Flávia:

Tudo isso mostra nosso crescimento, nossas perspectivas, nossas diferenças entre iguais. Tomara que a Aliança Anarquista seja um bem.

Mayara:

Que ela dure. Porque o que vamos tomar de porrada da polícia e das leis não dá nem para imaginar. É bom também ficar menos eufóricos, porque daqui a pouco os socialistas vão querer mandar nela. É eles gostam de mandar e de desagregar.

Lili:

Nós anarquistas sabemos disso desde a AIT, em 1872, quando Marx passou a perna em Bakunin.

Acácio:

Eu acho que essa querela vai dar pano para manga por muitos anos...

Gus:

Eu acho que haverá anarquistas que pensarão que dá para compor com eles... Verão sempre a conjuntura como oportuna.

Flávia:

São os anarquistas que agem pensando na vitória, são devotos da estratégia. Querem comandar como os socialistas? Serão anarquistas?

Mayara:

Mas o anarquismo precisa se organizar.

Bia:

E quem disse que organizar é fazer uma estrutura de comando dos que tem a verdade da consciência revolucionária?

Mayara:

Porra, você está com a língua solta.

Bia:

A língua viva.

Gus:

Eu quero muito que tudo isso não acabe nestas disputas de salão.

Vitor:

Então é preciso estar atento para o que acontece. Lá na Europa tem os sociais-democratas que querem o socialismo pela luta no Estado, no parlamento etc e tal.

Flávia:

Os comunistas também acreditam em uma única estratégia a ser executada por um partido exclusivo, atuando na

A Greve Geral de São Paulo, 1917

luta parlamentar, mas conspirando pela revolução. Para eles, aliança é a subordinação de todos ao seu comando.

Lili:

Então os dois, o partido exclusivo e os anarquistas estrategistas, são parceiros. Concorda?

Bia:

A língua viva é a d'*A Plebe* e do *Guerra Sociale*: a revolução se faz, também, no sindicato. Mas não é só uma luta econômica para se instalar num lugar exclusivo.

Vitor:

Há sempre o risco do sindicato vir a ser o meio exclusivo da luta. Assim, ele pode acabar por cumprir papel semelhante ao partido exclusivo e os centros de cultura ficarão a reboque dos sindicatos. Aí, os anarco-comunistas vão se enfezar.

Flávia:

Bem, no momento o que importa é solidificar a Aliança Anarquista.

Gus:

É preciso federação. Não dá para ficar só entre os anarquistas... Mas nós estaremos federados. É preciso ir adiante desta merda de vida. É preciso unir todos os combatentes.

Acácio:

Como a Aliança da Democracia Socialista de Bakunin na Primeira Internacional, que levou a anarquia para Espanha com Luigi Fanelli e se tornou a obsessão de Marx e Engels em seus ataques ao socialismo libertário.

Vitor:

Eu não quero juntar nem com os socialistas, mas não quero que eles fiquem impedidos de fazer suas coisas, e nem que tentem nos impedir.

Bia:

Não dá pra juntar com todos. Mas nesse momento... o que importa é juntar todos os anarquistas!

Mayara:

Todos os anarquistas juntos. Todos os socialistas conosco e nós com eles, pela greve, neste momento.

Lili:

A Aliança Anarquista eu topo. Outra união é craca, é compor numa frente em favor de quem comanda. É ajeitar a vida das lideranças. No final, elas sempre se dão bem. Sempre terão empregos... nada de aliança com socialistas, isso é coisa de burocratas da revolução...

Flávia:

Você está coma língua afiada!

Mayara:

Está com a língua solta.

Lili:

Estou com a língua viva!

Acácio:

O CDP explicitou o início da revolução social. Os patrões exibiram sua retórica e se apegaram à regulamentação de trabalho de menores e mulheres para mostrar como compreenderam bem a situação. O governo explicitou como exercitaria a repressão imediata dali em diante...

Gus:

O CDP prestou auxílio a todos os operários e suas famílias, que passaram necessidades em consequência da greve, com dinheiro, alimento e acompanhamento dos processos.

Lili:

Comentários de um plebeu:

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Acácio:

“É um fato incontroverso e reconhecido pela unanimidade da imprensa e da opinião pública que esta vasta cidade, capital do mais rico estado da federação brasileira, esteve, três dias e três noites, sob o domínio, não legal, mas real, das heroicas massas proletárias. (...) Que cada proletário medite como deve a lição da ‘nossa’ semana vermelha”<sup>27</sup>.

Vitor:

A nossa greve repercutiu no Rio de Janeiro e a Federação Operária do Rio aderiu aos nossos propósitos em 28 de julho, divulgando suas reivindicações próprias.

### **Cena 8: a aliança entre nós**

Gus:

A aliança libertária é como o amor livre. Acontece e pronto.

Flávia:

A gente se mistura, se modifica, se junta, pode se separar ou ficar mais agarradinho ainda, né?

Gus:

Eu gosto disso, sabe? Não aprecio essa coisa de anarquista isso, anarquista aquilo, somos todos anarquistas: isso e aquilo.

Flávia:

Nossa vida hoje e no futuro depende da gente ser assim diferente.

Gus:

Você tem razão. Se os socialistas gostam de mandar, que mandem no seu quintal, mas que não queiram fazer disso regra geral. Se não é ser igual aos capitalistas, aos burgueses, aos pequeno-burgueses, aos operários conformistas e aos colonos de cabeça baixa...

Flávia:

Isso mesmo. Se eles quiserem casar, que casem. Eu, nós, queremos muito amor livre.

Gus:

Deixe seu marido escutar...

Flávia:

Ele ouve toda vez que quer ser meu dono... que um dia eu arranjo outro que me entenda.

Gus:

Ele não te entende?

Flávia:

Entende, mas é ciumento; essa coisa de macho criado desde o berço na teta da mamãe.

Gus:

Essa coisa de amor materno, de mulher cabeça baixa, de que ter outros amores é coisa de... mariposa. Eles podem ter outras mulheres... é coisa de homem, natural! Pra mim não dá! Vou fazer como você, não vou casar!

Flávia:

Ouvi um monte até do meu irmão que é carne e osso comigo. Mas agora, ninguém mais fala...

Gus:

Fala pelas costas, com uma pontinha de inveja.

Flávia:

Todo mundo sabe que desde jovem fui uma garota que não temeu o sexo.

Gus:

Eu também... Nenhum.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Flávia:

Nem eu. E pode ter certeza que muitos deles também...

Gus:

O que você quer dizer?

Flávia:

Que entre nós há alguns que gostam de sexo com seus iguais... Conheço vários deles.

Gus:

Escondidos. Mas um dia virá que isso será possível para qualquer um. Por isso as mulheres são importantes para quebrar esse governo masculino do sexo.

Flávia:

Você anda informado...

Gus:

Eu ouvi uma companheira falar das palestras da Emma Goldman sobre sexo, aborto, amor livre, contracepção. Ela está certa. Se a gente quebra com o domínio masculino no sexo e com o casamento, abriremos veredas para os escondidos.

Flávia:

Você tinha que ser a nossa Emma!

Gus:

Aliança anarquista é união pela liberdade dos operários na fábrica e para que todas as liberdades aconteçam. Eu não tô falando de liberdade de imprensa como quer a burguesia, dizer, escrever, etc., eu tô falando de fazer, de acontecer sem medos, agora.

Flávia:

Tem gente que fala que medo é natural. Medo só existe porque alguém falou que algo é proibido, atinge o respeito

pela obediência; é amedrontador porque se justifica pelo sobrenatural, pelos pecados, pela desobediência.

Flávia e Gus:

Medo é o que governa o prudente.

## **Cena 9: o cumprimento da palavra dos empresários e governo**

Acácio:

“Acusaram-nos de pedir o impossível. Nós, porém, estávamos certos de haver pedido o mínimo que era possível”<sup>28</sup>.

Flávia:

“Se é permitido ao comércio roubar escandalosamente o povo consumidor, a ponto de o colocar na contingência acabrunhadora de perecer à fome, aconselhamos a todos nossos irmãos de infortúnio que defendam o seu inconteste direito à vida, indo buscar a subsistência onde quer que elas se encontrem aferrolhadas”<sup>29</sup>.

Gus:

“A expropriação é, para o esfomeado, um direito, o direito em virtude do qual se força um explorador do trabalho alheio à restituição daquilo que não lhe pertence”<sup>30</sup>. Até o Moisés saqueou o armazenamento de trigo do faraó junto com os judeus. E não esqueçam que os governantes se dedicam a uma atividade ordinária: favorecer os fazendeiros, os comerciantes e os industriais, além de procurar dinheiro para emprestar-lhes.

Mayara:

É usam as Forças Armadas contra o povo para proteger a ordem e a liberdade dos Matarazzo, Gambas, Crespi, Hoffman, da Cia Inglesa, a Light, do capital nacional e estrangeiro.



Flávia:

E os seus ratos, os delegados de polícia. Entre eles, “destingiu-se este cavalheiro [Bandeira de Melo] pelo zelo inexcusável com que serviu à horda e à ordem que o alimentam. Ele próprio, em pessoa, espancou, prendeu, perseguiu inúmeros operários (...). É o imbecil moderno como a sociedade burguesa os cria, repleto de vaidosa ignorância, tolo e cruel, covarde e vingativo”<sup>31</sup>.

Vitor:

“Sempre que a expressão anarquista fere os tímpanos auditivos da corja parasitária e exploradora, é certo vê-la esgazeirar muito os olhos em sintoma de pavor”<sup>32</sup>.

Bia:

Em 13 de setembro de 1917 começam as perseguições. A polícia infiltrara agentes no meio operário que produzem uma lista imensa.

Lili:

Como instigadores foram acusados: Edgard Leuenroth e Antonio Nalepinski;

Mayara:

como “cabeças”: Florentino de Carvalho, Manuel Martinez, Antonio Candeias Duarte, José Fernandez e Francisco Cianci;

Vitor:

e como “homens da rua”: João Minieri, Joaquim Arganz, Antonio Lopes, Mario Bernardo, Emília Gutler e Francisco Siepletz.<sup>33</sup>

Acácio:

Edgard Leuenroth foi preso acusado de instigar a invasão e o saque no Moinho Santista. Foi para a Cadeia Pública. Aguarda seu julgamento pelo Tribunal do Júri no ano que vem, sob a acusação de ser “o autor psíquico-intelectual” da Greve Geral de julho de 1917.

Gus:

Em março de 1918, Edgard Leuenroth foi absolvido por unanimidade. O fato da justiça inocentar um réu não impede que o governante o transforme em alvo de contínuas vigilâncias e novas acusações.

Todos:

As sedes das associações foram invadidas.

Vitor:

Do salão Germinal, na Rua do Carmo, onde se davam as reuniões de anarquistas, roubaram o mobiliário.

Todos:

E gente sendo presa!

Vitor:

A gráfica Piratininga, que rodava *A Plebe*, foi invadida e roubaram os originais da edição de 15 de setembro, aí o jornal passou a ser impresso, por um tempo, nas oficinas de *O Combate*.

Acácio:

As ligas operárias foram fechadas por serem consideradas ajuntamentos ilícitos, sociedades secretas e perigosas.

Flávia:

Muitos anarquistas foram encarcerados em navios e vão fugindo da embarcação pelos portos do Recife, de Belém do Pará, do Rio de Janeiro.

Acácio:

Gigi Damiani não foi localizado pela polícia.

Gus:

“O realejo do governo, assumido como lhe compete a defesa dos salteadores de farda, ejaculou na quarta-feira a seguinte calinada:

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Lili:

O que a polícia fez foi acabar com as forças das ligas libertárias, que não passavam de centros de anarquismo...

Acácio:

É claro que se as ligas fossem libertárias, seriam *ipso facto* centro de anarquismo. Mas como a bestia não vê um palmo diante do nariz, ignora que os termos libertário e anarquista são uma e a mesma coisa”<sup>34</sup>.

Bia:

E hoje em dia, velhacos e moçoilos, democratas neoliberais, arrotam que libertários são eles. O roubo aos anarquistas pelos patrões e sua bestia continua solto. Os otários, os mal-intencionados e os crápulas os acompanham, disseminando que libertário é o neoliberal.

Todos:

Fodam-se!

Acácio:

Tudo parece mudar para permanecer como era.

Flávia:

Greves, comitês de negociações, acordos com patrões e Estado para melhorar minimamente nossas vidas, acabam sempre em mais sofrimento.

Bia:

Decreto 4.247 de 6 de janeiro de 1921 — Regula a entrada de estrangeiros no território nacional, contra os anarquistas; Decreto 4.269 de 17 de janeiro de 1921, assinado pelo presidente Epitácio Pessoa, regula a repressão ao anarquismo. De 1922 a 1926, o Presidente Arthur Bernardes governou sob o estado de sítio.

## Cena 10: mudar para manter...

Gus:

Tem que ser como eles querem. E quando eles nos quiserem organizados ao seu modo é que nos darão o mínimo. Se não é greve, que é empolgante, mas que depois é a volta ao estado anterior com ligeiras alterações.

Vitor:

Isso é evolução, isso é progresso...

Gus:

A legislação só aprova o que não prejudica os patrões. A gente precisa se manter alerta. A fábrica cresce e eles precisam cada vez menos de nós e mais das máquinas.

Vitor:

Precisam de nós mais qualificados, ordeiros, e não como encostos baderneiros. Também temos de colaborar para ter mais fábricas, mais empregos, trabalho decente para nossos filhos no futuro.

Gus:

Nós não falamos mais a mesma língua. Você virou amarelo.

Vitor:

É esse português todo errado. Eu quero falar o português certo, entende?

Gus:

Eu quero falar a língua dos vivos que se recusam a ser trabalhadores encarcerados nas fábricas e nas fazendas ou nas vilas operárias e colônias rurais.

Vitor:

Você vive no passado europeu. Aqui é Brasil, temos que colaborar para o país ser o gigante que é.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

Gus:

Você é do mesmo passado, mas passado a limpo. Nem mais no Centro Libertário você vai. Só quer descanso depois do trabalho, comidinha da patroa...

Vitor:

É, todo mundo em casa. Eu quero ser o provedor. A rua é o lugar da perdição dos operários, das mulheres e das crianças.

Gus:

Mas manter essa sujeira toda é o que patrões e o governo querem.

Vitor:

Mas se a gente não se organizar, para uma luta justa e limpa, nunca vai melhorar. É preciso votar, e amar esta nova pátria; um dia teremos democracia e quem sabe, um operário na presidência. Veja, essa merda de guerra na Europa só fez aumentar a carestia; nosso povo precisa estar organizado para entrar na guerra e botar um fim nisso. A gente precisa de uma nova organização, se modernizar... Essa tal de revolução russa, você acha que vai chegar aqui?

Gus:

Ninguém imaginava que ela chegaria lá! Até os próprios comunistas achavam que seria impossível... Mas eles estão fazendo, mostrando que não dá para ter acertos com o Estado. Mas não basta revolução se não cuidamos dela, se deixamos para alguém nos governar ela virará alguma coisa parecida com essas merdas de melhorias que estão prometidas aqui em que você tanto acredita. Não dá para fazer revolução crendo no Estado e na propriedade, seja ela de quem for. É preciso acabar com a propriedade e o Estado.

Vitor:

Você quer dizer que os revolucionários poderão ser os novos patrões e donos do Estado? Merda pior ainda...

Gus:

Se não cuidarem, os mesmos operários que fazem a revolução voltarão a ser operários sob o chicote da polícia e do Estado.

Vitor:

Viu, você mesmo concorda que a revolução é uma merda. Tira um e põe outro no lugar para melhorar! Então o melhor é melhorar sem revolução.

Gus:

O que eu disse é que não se faz revolução e ponto. Tem de cuidar, cada um por cada um.

Vitor:

Já está tarde e a patroa me espera.

Gus:

Que pena!

*Entra e fecha a porta.*

## **Cena 11: nós permanecemos anarquistas**

Flávia:

Estamos no início de um século e não podemos prever como ele será. As notícias de misérias e guerras chegam com atraso; pouco importam as notas impressas, todos nós sabemos que a miséria impera!

Vitor:

Mesmo sem saber pelos jornais ou pelos relatos de amigos e conhecidos, muita fome permanece, muita gente fazendo greve, a polícia crescendo e recrutando seus quadros entre nós, compondo milícias contra nós, a maioria de trabalhadores desempregados.

Lili:

Somos muitos nas ruas e não tememos a força da polícia, das armas, do Estado que diz existir para nos proteger. Quando eles vêm para cima de nós é nos acusando de bandidos ou delinquentes. Devemos responder com barricadas.

Mayara:

Temos sempre de aceitar o diálogo com os patrões, quando há, com o Estado e seus representantes, com a boa e tranquila sociedade. Morremos pela pátria, morremos pela nossa luta, morremos executados pela polícia e por nossos parceiros de miséria.

Acácio:

Somos mortos por muitos ilegalismos aos quais somos empurrados a praticar para sobreviver; somos uma massa que funciona para os ilegalismos burgueses. Somos a massa ébria que deve crer no contrato de trabalho e no contrato social, nos tratados de paz e declarações de guerra, na diplomacia. E temos a obrigação de crer no Estado. Mas, nós somos os inimigos do Estado. Somos os inimigos do Estado e sem o qual ele não se alimenta. E temos a obrigação de nele crer.

Gus:

Eu não entendo como a gente, os milhares nas lutas, tememos a força policial que é diminuta; eles são poucos com suas armas, nós somos muitos com nossa força. Não devemos permitir que nos matem, prendam, intimidem.

Bia:

A eles só interessa repor a dominação ou que simplesmente adoremos o tirano da ocasião, com ou sem direito ao voto. O resto é fome, insalubridades, doenças, sujeiras que nos culpam de produzir porque somos sujos e, por isso, perigosos à vida sadia, à sociedade sadia, à higiene dos maiores. No máximo eles nos querem limpinhos como eles, e agradecidos.

Lili:

E tem tanta gente entre nós que gosta de ser agradecido, de obedecer a qualquer regra ou lei, de se submeter ao grito ou às armas. Porque tem de ser assim. Porque assim é melhor, porque é assim na natureza, nas espécies animais. Eles são os homens e dizem que nos querem emancipados da condição de animais se formos semelhantes a eles.

Flávia:

Mas a gente é diferente mesmo sendo um animal. Há muita gente que nos faz permanecer animal, como a presa acuada e apavorada submetida à lei do mais forte, porque tem de ser assim.

Acácio:

Somos a revolta e a revolução. Crer na revolução como meta para o paraíso é uma besteira; ela só pode ser um episódio na continuidade das revoltas, sim, daquilo que é a revolta, a expressão do insuportável de cada um por cada um.

Gus:

Noticiam uma revolução na Rússia. Isso é bom; até os soldados passaram para o lado dos revolucionários. Não há pátria, mas gente vivendo junto. Nada mais de polícia. Nada de ameaça de outros exércitos para repor a ordem. Nós contra as pátrias, as propriedades e os exércitos. Somos muito mais que maioria. A propriedade é um roubo!

Todos:

E o resto você já sabe, nós permanecemos anarquistas. Vamos para a quermesse e o baile. Viva a anarquia!

*Final do segundo movimento da 5ª Sinfonia de Beethoven.*

Todos:

VIVA O ANO NOVO!

**FIM**



## Notas

<sup>1</sup> Aula-teatro 22 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Beatriz. S. Carneiro, Edson Passetti, Eliane. K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Mayara de Martini, Ricardo Abussafy, Salete Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues e Vitor Osório. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Mayara Cabeleira, Vitor Osório. Operadora de Luz e Sonofonia: Helena Wilke. Coordenação e Ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> União das Costureiras de Sacos. Terra Livre, São Paulo, junho de 1906, apud Lúcia Soares da Silva. *Mulheres e Punição: uma história das Delegacias de Defesa da Mulher*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2001, pp. 30-31.

<sup>3</sup> *Guerra Sociale*, n. 44, ano III, 31 de março de 1917.

<sup>4</sup> Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, n. 10, 1914, p. 25 in Maria Alice Rosa Ribeiro. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988, pp. 118-119.

<sup>5</sup> *Terra Livre*, São Paulo, 23 de fevereiro de 1907, n. 27 in Maria Alice Rosa Ribeiro, 1988, op. cit., pp. 141-142.

<sup>6</sup> Cf. Pedro Catalo. “Subsídios para a história do movimento social no Brasil” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007, pp. 13-14.

<sup>7</sup> Grupo de Alienados. “Maluquices” in *Guerra Sociale*, n. 32, ano II, 11 de abril de 1916.

<sup>8</sup> Florentino de Carvalho. “Contra a intervenção do Brasil na Guerra” in *Guerra Sociale*, n. 46, ano III, 01 de maio de 1917.

<sup>9</sup> Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil 1890-1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 2014, pp. 131-132.

<sup>10</sup> Francisco Correia. “Mulheres libertárias: um roteiro” in Antonio Arnoni Prado (org.). *Libertários no Brasil: Memórias, Lutas, Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 46.

<sup>11</sup> Mariângela Alves de Lima e Maria Thereza Vargas. *Teatro Operário na Cidade de São Paulo*. São Paulo, IDART, 1980, p. 38.

<sup>12</sup> Rogério H. Z. Nascimento. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2000, p. 165.

<sup>13</sup> *A Lanterna*, n. 7, ano IV, 24 de novembro de 1909.

<sup>14</sup> Neiva Beron Kassick. “Experiências Pedagógicas Libertárias no Brasil” in Stéla de Sá Siebert (et. al.). *Educação Libertária: textos de um seminário*. Rio de Janeiro, Achiamé, Movimento-Centro de Cultura e Autoformação, 1996, p. 85.

<sup>15</sup> Idem, ibidem.

<sup>16</sup> *A Voz do Trabalhador*, 1 de outubro de 1913, p. 4, apud Eduardo Valladares. “A educação anarquista na república velha” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 7, 2005, pp.165-166.

<sup>17</sup> Eduardo Valladares, 2005, op. cit., pp.162-163.

<sup>18</sup> *A Plebe*, n. 17, 14 de outubro de 1917.

<sup>19</sup> Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, pp. 57-58.

<sup>20</sup> Idem, p. 64.

<sup>21</sup> *A Lanterna*, n. 9, ano IV, 11 de dezembro de 1909.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> *A Lanterna*, n. 59, ano X, 29 de outubro de 1910. Suplemento extraordinário ao n. 55.

<sup>24</sup> Cf. *A Lanterna*, n. 59, ano X, 26 de novembro de 1910.

<sup>25</sup> Sobre a greve geral, em especial Christina. R. Lopreatto. *O espírito da revolta: a greve anarquista de 1917*. São Paulo, Anablumme, 2000.

<sup>26</sup> *A Plebe*, n. 6, ano I, 21 de julho de 1917.

<sup>27</sup> *A Plebe*, n. 7, ano I, 28 de julho de 1917.

<sup>28</sup> *A Plebe*, 21 de julho de 1917, op. cit.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem, ibidem.

<sup>31</sup> *A Plebe*, 28 de julho de 1917, op. cit.

<sup>32</sup> *A Plebe*, n. 8, ano I, 4 de agosto de 1917.

A Greve Geral de São Paulo, 1917

<sup>33</sup> Cf. *A Plebe*, 4 de agosto de 1917, op. cit.

<sup>34</sup> *A Plebe*, n. 14, ano I, 22 de setembro de 1917.

***The General Strike in São Paulo, 1917, Edson Passetti & Acácio Augusto.***

aula-teatro 22   
**nu-sol** puc-sp

21 e 22 tucarena  
de novembro 2017  
19h30 retirada de  
programa de ingressos  
estudos pós- no local  
graduados em ciências  
sociais, puc-sp

Grave geral em São Paulo, 1917